BOLETIM SOS ABELHAS NATIVAS do BRASIL
Ano IV - nº 16 - 10 de outubro de 2011

LEIA NESTA EDIÇÃO

1 - Momento de Reflexão; 2 - 5° Seminário Paranaense de Meliponicultura; 3 - 2º Seminário de Meliponicultura de Franca; 4 - Encontros reúnem apicultores e criadores de abelhas nativas em Palmas (TO); 5 - Colapso de Colônias na Amazônia; 6 - Criação de abelha sem ferrão será discutida no I Congresso Apicultura e Meliponicultura; 7 - A abelha é nativa; o mel, clandestino; 8 - EE.UU.- DECRÉSIMO POPULACIONAL DAS ABELHAS SEM FERRÂO EM IOWA; 9 - EE.UU.- ABELHAS NATIVAS; 10 - EE.UU.- PESQUISADORES ESTÂO A TENTAR DE ENCONTRAR UMA NOVA GERAÇÂO DE ABELHAS NATIVAS PARA POLINIZAR ESTUFAS: 11 - Brasil inicia elaboração de sua Estratégia Nacional de Biodiversidade; 12 - Florestas primárias são insubstituíveis para a manutenção da biodiversidade tropical; 13 - 1ª REUNIÃO da "CT Abelhas Nativas - SEAB/CEDRAF".

---

1 - Momento de Reflexão

"Acreditar em algo e não o viver é desonesto" - Mahatma Gandhi

---

2 - 5° Seminário Paranaense de Meliponicultura

Data: 25 de Novembro de 2011 - Local: Auditório do instituto Emater (rua da Bandeira, 500 - Bairro: Cabral - Curitiba - PR)

A sua inscrição poderá ser realizada antecipadamente, através de depósito bancário em favor da FUNDAÇÃO TERRA (www.fundacaoterra.com.br - CNPJ n° 04.699.470-0001-46 - financeiro@fundacaoterra.com.br - Fone: 41.3051.9603), junto ao Banco do Brasil, Agência n° 1243-2, Conta Corrente n° 56.055-3, enviando comprovante de pagamento e a ficha de inscrição para o fone/fax (41-3250.2105) ou para E-mail (sac@emater.pr.gov.br).

O valor é de R$ 20,00 (até dia 28/10) e R$ 25,00 (a partir do dia 31/10). As vagas são limitadas a 200 inscritos.

---

3 - 2º Seminário de Meliponicultura de Franca

A Prefeitura de Franca, através da Secretaria Municipal de Desenvolvimento, tem o prazer de convidá-los a participar do 2º SEMINÁRIO DE MELIPONICULTURA DE FRANCA (SP), que acontecerá nos dias 27, 28 e 29 de outubro de 2011. O evento acontecerá em três locais distintos: o Auditório "Fábio de Salles Meirelles", no Parque de Exposições "Fernando Costa"; o Auditório e Laboratório da UNIFRAN – Universidade de Franca; e no Meliponário Abelha Brasil.

O evento tem por objetivo estimular a Meliponicultura (criação de abelhas sem ferrão) na região, proporcionar a criação de abelhas nativas como fonte de renda; proporcionar o melhoramento das técnicas de criação das abelhas sem ferrão; promover a conservação do meio ambiente; verificar a importância da polinização na produção agrícola e preservação da flora nativa; e realizar educação ambiental através da Meliponicultura. As inscrições são gratuitas e as vagas limitadas.

Maiores informações: http://www.franca.sp.gov.br/abelhas/ - Tel.: (16) 3711-9483 - E-mail: celiorodrigues@franca.sp.gov.br

Fonte: Franca Site - Franca/SP - Home - 26/09/2011 -

---

4 - Encontros reúnem apicultores e criadores de abelhas nativas em Palmas (TO)

Nesta quinta-feira (22) acontecem o V Encontro de Apicultores e o III Encontro de Meliponicultores do Tocantins. Os eventos vão discutir os rumos da criação de abelhas tradicionais, da espécie apis melífera e suas variações, e das abelhas sem ferrão (meliponicultura) originais brasileiras (meliponicultura) no estado de Tocantins. O objetivo é capacitar os agricultores familiares para aumentar a produção e a geração de renda por meio destas duas atividades complementares à agricultura.

Os encontros serão no auditório do Incra no Tocantins, em Palmas, com abertura às 8h30. Cerca de 80 apicultores da capital e dos municípios de Aparecida do Rio Negro, Barrolândia, Divinópolis do Tocantins, Miracema, Miranorte, Paraíso, Porto Nacional, Santa Tereza do Tocantins e Tocantínia devem participar dos eventos. Serão realizadas palestras sobre financiamento da atividade; plano de Desenvolvimento Regional Sustentável (DRS) do Banco do Brasil; apresentação da meliponicultura como fonte de renda; segurança no trabalho; potencialidade e rentabilidade da apicultura; cooperativismo e associativismo; direitos trabalhistas e previdenciários dos agricultores familiares, além da apresentação de casos de sucesso.

Orientação - Segundo o Presidente da Cooperativa dos Apicultores de Palmas, Antonildo Alexandre de Medeiros, os dois eventos serão importantes para orientar os produtores e promover a troca de experiências como incentivo ao desenvolvimento da atividade no estado.

Os eventos são organizados pela Cooperativa dos Apicultores de Palmas com o apoio do Banco do Brasil, Embrapa, Federação tocantinense de apicultores, Incra/TO, Organização das Cooperativas do Brasil (OCB), Ruraltins, Secretaria de Agricultura do Tocantins (Seagro/TO), Sebrae, Senar e Unitins. Durante a programação, será divulgado o I Congresso de Apicultura e Meliponicultura da Amazônia, que será realizado de 20 a 22 de outubro, no Espaço Cultural, em Palmas.

Serviço: O que: V Encontro de Apicultores e o III Encontro de Meliponicultores do Tocantins; Quando: Quinta-feira (22); Onde: auditório do Incra, Palmas, a partir das 8h30; Inscrições: até à abertura, nesta quinta-feira (22).; Contato: Antonildo Medeiros pelos telefones (63) 3224-2401 ou 9221-0538.

Fonte: Portal do Ministério do Desenvolvimento Agrário - Brasília/DF - Notícias - 21/09/2011 -

---

5 - Colapso de Colônias na Amazônia

Mesmo estando afastado da Meliponicultura na Amazônia, mantenho contatos periódicos com Gestores e Meliponicultores do Norte do Brasil. Berço da Meliponicultura brasileira, sempre considerei a Amazônia como o local mais apropriado para a prática da Meliponicultura. Nas minhas palestras sempre usei a seguinte frase: "As abelhas nativas são imbatíveis".

Ora, em 15 anos nunca vi consangüinidade, morte súbita, doenças, pragas e ou qualquer outro acontecimento que levasse uma colônia bem manejada, ou deixada quieta sem manejo, viessem a perecer. Relatos recentes dão conta de perdas acentuadas, até 70%, de colmeias de Melíponas na Amazônia.

Dois diferentes estados e mais de 20 meliponários espalhados pela floresta sofreram baixas

consideráveis, como nunca visto antes. Estamos juntando informações, mas o excesso de chuvas e baixas temperaturas estão sendo atribuídos como a principal causa morte em série das colônias.

Colônias recém reproduzidas, colônias que tiveram o mel coletado em dezembro, colônias manejadas para a produção de mel, colônias com status de ninho excelente, nada escapou ao grande colapso deste primeiro semestre Amazônico. Dois grupos parecem ter sofrido mais, seminigra e rufiventris, já o grupo compressipes pouco ou quase nada sofreu com o colapso. Os relatos dão conta de colônias abandonadas da sua população, ninhos mofados, nenhum ou quase nenhum alimento estocado principalmente pólen e abelhas mortas dentro das colmeias.

Espero que esses fatos tenham sido apenas fatos isolados, lembrando que estou falando de Amazônia, mas, e se não foram fatos isolados? Vamos ficar aguardando um grande personagem que trabalha com Meliponicultura fazer um estudo sistemático e daqui a alguns anos ou décadas ter alguma resposta para este possível evento?

Faço a seguinte sugestão: Profissionais e pessoas que trabalham com abelhas sem ferrão entrem em contato (fernando-am@ig.com.br – (21) 8339.7222) para criar um grupo de informações e tratar deste tema. http://criacaodeabelhassemferrao.blogspot.com/

---

6 - Criação de abelha sem ferrão será discutida no I Congresso Apicultura e Meliponicultura

Com o objetivo de esclarecer as dúvidas quanto ao processo de criação de abelha sem ferrão e incentivar a atividade na agricultura familiar, a bióloga, pesquisadora e doutora em ciências na área de concentração entomológica, da Embrapa do Acre, Patrícia Maria Drumond, ministrará palestra sobre o tema para explicar o funcionamento do desenvolvimento da atividade.

O assunto será explanado, durante o I Congresso de Apicultura e Meliponicultura da Amazônia, que será realizado de 20 a 22 de outubro, no Espaço Cultural em Palmas.

De acordo com informações da bióloga, a criação dessa espécie, geralmente é realizada em caixas de madeira, construídas com o objetivo de maximizar a quantidade e a qualidade do mel produzido. “Com o uso das caixas é possível acompanhar o desenvolvimento da colônia ao longo do ano, proteger as abelhas do ataque de pragas e agentes causadores de doenças”, informou Patrícia.

A pesquisadora explicou também que a maioria das espécies de abelhas sem ferrão criadas em caixas são dóceis, permitindo o desenvolvimento da atividade perto da residência e a dispensa do uso de equipamentos ou vestimentas especiais, reduzindo o custo de produção. “A criação pode ser integrada às áreas agrícolas, envolvendo toda a família, incluído jovens e mulheres. O que pode favorecer o aumento da produção de frutos e sementes, uma vez que esses insetos são importantes agentes polinizadores de várias culturas”, afirmou.

Quanto à abelha mais adequada a ser criada no Tocantins, a doutora disse, que é aquela encontrada naturalmente na região, entretanto, ela destaca a importância da troca de experiências entre os meliponicultores, técnicos da área de extensão e pesquisadores para descobrir quais são as espécies mais apropriadas para cada localidade. “Existem aproximadamente 200 espécies de abelhas sem ferrão no Brasil e menos de 10% são criadas em caixas por falta de estudos na área”, informa a doutora.

De acordo com informações do presidente da Fetoapi - Federação Tocantinense dos Apicultores, Antonildo Alexandre de Medeiros, as espécies mais utilizadas na região de Palmas são: Tiúba,

Mandaçaia, Uruçú e Tubi. A criação dessas abelhas e a sua exploração racional podem contribuir para a preservação das espécies e dar ao meliponicultor oportunidade de obter mel.

Esta atividade vem sendo desenvolvida há bastante tempo em diversas regiões do país. O presidente da Ampal - Associação de Apicultores e Meliponicultores de Palmas e produtor, Odílio Pereira de Menezes Neto, disse que recentemente começou na atividade e escolheu as espécies, Jataí e Urucu, preta e amarela. "Preferi trabalhar com as abelhas sem ferrão porque o mel é mais valorizado", considerou.

Congresso - O I Congresso de Apicultura e Meliponicultura da Amazônia será realizado pela Seagro- Secretaria da Agricultura, da Pecuária e do Desenvolvimento Agrário, Fetoapi dentre outros parceiros, dentro da programação da sétima edição do AmazonTech.

Fonte: Rural Centro - Geral - 29/09/2011 -

---

7 - A abelha é nativa; o mel, clandestino

As abelhas indígenas sem ferrão (Meliponíneas) são nativas do Brasil e sempre voaram por aí, de flor em flor, produzindo mel de ótima qualidade. Ops, mel não, porque o alimento produzido pelas abelhas indígenas não pode ser chamado de mel. A legislação vigente se baseia nos padrões físico-químicos do mel produzido por abelhas estrangeiras (Apis mellifera e Apis mellifera scutellata) - esse que está nas prateleiras de qualquer supermercado.

Para ser "considerado" mel, o produto das abelhas indígenas deveria ter umidade máxima de 20% - mas chega a 35% - e, no mínimo, 65% de açúcares redutores (tem 50%). Por isso, o "mel" de jataís, mandaçaias, borás, uruçus e tubunas continua desconhecido. E clandestino. Fosse uma questão de saúde, a produção de "mel" de abelhas indígenas sem ferrão (Meliponíneas) deveria ser incentivada, porque ele tem poder antibiótico maior que o da introduzida Apis mellifera. Se se tratasse de uma preocupação ambiental, as abelhas nativas seriam protegidas como importantes polinizadoras. Sendo o gosto o assunto, o mel ácido e menos doce de tiúbas, manduris e tubis tiraria o paladar do marasmo.

Por que, então, apesar de tantos predicados: 1) o mel de abelhas indígenas não está à venda em todo canto; 2) tanta gente desconhece a existência de abelhas indígenas; 3) há aspas abraçando a palavra mel neste texto ? Culpa de um regulamento de 1952 que baseia nas características do mel de abelhas melíferas (Apis mellifera) os padrões de identidade e qualidade para classificar o produto. Como a composição do de abelhas indígenas é diferente - é mais líquido e tem menos açúcares -, este não pode ser chamado de mel. Brasileiro - e clandestino.

"Pura questão burocrática. México e Venezuela têm o mesmo problema", diz Paulo Nogueira-Neto, professor titular emérito da USP e especialista em abelhas indígenas sem ferrão. "Como há legislação sobre a criação, agora você pode criar e até vender ninhos. Só não pode comercializar. Por isso o mel das Meliponíneas é vendido clandestinamente." (Até 2004 o manejo destas abelhas, espécies selvagens, era proibido.)

Por se organizarem em colônias menores, as abelhas indígenas produzem menos mel que a Apis - e ele custa dez vezes mais. "Quem conhece, não se importa de pagar mais", diz Marilda Cortopassi-Laurino, pesquisadora do Laboratório de Abelhas da USP.

Enquanto o Brasil não tem uma lei que respeite as características do mel das Meliponíneas, alguns

produtores têm testado a desumidificação deste produto. No entanto, ainda não há pesquisas que comprovem se o procedimento não compromete o poder antibiótico e as qualidades gustativas. “Não tenho nada contra a desidratação em si, desde que seja assumida. O que não admito é obrigar a desidratar”, diz Roberto Smeraldi, da Oscip Amigos da Terra - Amazônia Brasileira.

Jataís herdadas e bem viajadas - Neide Rigo, nutricionista - Nossos amigos gaúchos resolveram se mudar para Barcelona e queriam porque queriam que as abelhas ficassem comigo. Não encontrei regulamentação sobre o transporte de animais que mencionasse abelhas nativas sem ferrão. Pensamos em várias possibilidades de locomoção, todas inviáveis.

Consultamos especialistas em meliponas e um deles nos disse que o melhor para elas seria deixá-las no escuro, em local fresco, que elas dormiriam e nem sentiriam a viagem. A maior prejudicada fui eu, que nunca havia viajado 18 horas de ônibus e sem a companhia de ida, que voltou de avião. Alguém tinha de ficar solto para tirar o outro da cadeia.

A paranoia já tinha começado. E, embora as três caixinhas estivessem bem acomodadas no porta-malas, fiquei o tempo todo apreensiva. E se fossem mais espertas do que supúnhamos, fizessem buraquinhos na caixa e fugissem? E se um certo zum-zum-zum ficasse audível e o ônibus precisasse parar? Chamariam a polícia para vistoriar o bagageiro e eu seria presa? Crime ambiental, inafiançável.

Tantas horas de paranoia, mas chegaram bem. Na primeira semana estranharam a direção do vento, os caminhos que levavam às flores e os esconderijos do pólen. Furaram todos os botões de ipomea da vizinha, ignoraram as flores de manjericão e passaram batidas pelas flores de feijão. Hoje, trabalhadeiras, polinizam tudo - o feijão mangalô produz como nunca. Ainda fazem zum-zum-zum e mel. E que mel! Ácido, fluido, floral. Alquimista nenhum sabe fazer. Por esse mel, faria tudo de novo.

Fonte: O Estado de S. Paulo - São Paulo/SP - Cultura - 29/09/2011 -

---

8 - EE.UU.- DECRÉSIMO POPULACIONAL DAS ABELHAS SEM FERRÂO EM IOWA

Written by Horacio Mezziga - De acordo com um estudo em curso realizado pela Universidade de Iowa pelo Professor de Biologia Stephen Hendrix, esta diminuçâo poderia afetar a produção das culturas. "As abelhas são simplesmente desaparecer e não voltar, ", disse.

"Parece que as plantas da pradaria jogou um banquete para as abelhas, e eles nâo aparecer. " Desde que Hendrix começou a coletar as abelhas selvagens de pradarias e fazendas através de Iowa em 2002, ele disse que a captura de abelhas diminuiu de 50-10 abelhas por hectare, ou 10.000 metros quadrados de terreno.

Fonte: http://www.apinews.com/ – 26/09/2011

---

9 - EE.UU.- ABELHAS NATIVAS

Written by Horacio Mezziga - É surpreendente saber que existem cerca de 5.000 espécies de abelhas nativas em todos os EE.UU. - cerca de 400 deles são encontrados no Nordeste. O familiar mais importante são as abelhas grandes peludo.

Como as abelhas domésticas, abelhas formam colónias com os trabalhadores e uma abelha rainha.

No entanto, a colônia de abelha é pequena - dezenas de abelhas em comparação com milhares - e dura, mas uma temporada. É apenas o novo, abelhas rainha Estima-se que vai sobreviver o inverno para começar novas colônias na primavera seguinte.

Fonte: http://www.apinews.com/ – 26/09/2011

---

10 - EE.UU.- PESQUISADORES ESTÂO A TENTAR DE ENCONTRAR UMA NOVA GERAÇÂO DE ABELHAS NATIVAS PARA POLINIZAR ESTUFAS

Written by Horacio Mezziga - O entomologista da USDA James Strange está à procura de uma espécie que pode servir como a próxima geração de polinizadores de estufa. Estranho executa sua pesquisa através do Serviço de Pesquisa Agrícola do insetos polinizadores, Biologia, Gestão e Sistemática Unidade de Pesquisa em Logan, Utah.

http://www.apinews.com/ - 29/09/2011

---

11 - Brasil inicia elaboração de sua Estratégia Nacional de Biodiversidade

Um dos três grandes resultados da 10ª Conferência das Partes (COP 10) da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), realizada em Nagoya (Japão), em outubro de 2010, foi a aprovação de um Plano Estratégico para a proteção da biodiversidade no período de 2001-2020 (decisão X/2).

Conhecida como "Metas de Aichi" (Aichi é a província japonesa cuja capital é Nagoya), o Plano Estratégico da CDB possui 20 metas que estão subdivididas em cinco objetivos estratégicos que tratam da contenção da perda da biodiversidade; ações para reversão dos processos que causam a devastação da mesma em todo o planeta; os problemas ligados ao uso não sustentável de seus elementos; incorporação dos conhecimentos de populações e povos tradicionais e mobilização de recursos.

Para adequar esse plano global à realidade nacional, o Ministério do Meio Ambiente (MMA) estabeleceu uma parceria com a União Internacional para Conservação da Natureza (UICN), o WWF-Brasil e o Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ), para organizar a iniciativa "Diálogos sobre Biodiversidade: construindo a estratégia brasileira para 2020", com o objetivo de realizar consultas aos diversos setores da sociedade brasileira para ajudar na elaboração de metas nacionais de biodiversidade para 2011-2020.

Ao todo, serão cinco reuniões setoriais: setor privado, sociedade civil, governos (estadual, municipal e federal), academia, e povos indígenas e comunidades locais.

Os documentos elaborados nesses encontros serão consolidados e apresentados em uma reunião final com representantes de todos os setores para avaliação e considerações finais. Em seguida, o documento resultante desse processo irá para consulta pública.

O documento final (Estratégia e Plano Nacional de Biodiversidade) será apresentado pelo governo brasileiro na Convenção das Nações Unidas Sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio + 20), que acontecerá no Rio de Janeiro entre os dias 4 e 6 de junho de 2012.

De acordo com Bráulio Dias, secretário de Biodiversidade e Florestas do MMA, apenas em 2002 as metas de prevenção e conservação da diversidade biológica começaram a ser estabelecidas. Em 2004, foram definidas 21 metas globais de biodiversidade para o período 2001-2010, mas no Brasil,

somente em 2006 foram aprovadas, pela primeira vez, um conjunto de metas nacionais.
O Mater Natura foi uma das aproximadamente 50 instituições da sociedade civil que participaram de uma das reuniões setoriais do Diálogos sobre Biodiversidade, realizada nos dias 26 e 27 de setembro, em Brasília, para debater a elaboração da estratégia nacional para a conservação da biodiversidade.

Clique http://assets.wwf.org.br/downloads/livro_verde_da_biodiversidade_2011_1.pdf e http://assets.wwfbr.panda.org/downloads/metas_de_aichi_situacao_atual_no_brasil__2011_download.pdf para baixar os documentos de base utilizados nas reuniões setoriais do "Diálogos sobre Biodiversidade.

Fonte: Boletim Eletrônico MATER NATURA - nº 98 - Outubro 2011

---

12 - Florestas primárias são insubstituíveis para a manutenção da biodiversidade tropical

Recuperar a variedade de plantas e animais de uma floresta é muito mais difícil do que se imaginava. Isso se, de fato, for realmente possível. Há décadas pesquisadores de vários países tentam descobrir o que seria mais eficiente para manter a biodiversidade: focar as iniciativas na preservação das florestas primárias, com o mínimo possível de alterações pelas atividades humanas, ou recuperar áreas que já sofreram alguma modificação pelo homem, entre elas as florestas secundárias.

Para quem não é especialista, a resposta mais óbvia seria: nada substitui as florestas primárias em termos de biodiversidade. Mas, os pesquisadores tinham dúvidas, pois estudos sugeriam que as florestas secundárias poderiam conter uma variedade de espécies tão relevante quanto às originais.

Agora, uma nova pesquisa denominada "Primary forests are irreplaceable for sustaining tropical biodiversity" publicada no dia 14 de setembro no site da revista Nature, reforçou a tese de que as áreas de floresta primária são mais ricas em biodiversidade.

Tendo por base 138 pesquisas realizadas em 28 países da América, Ásia, África e Oceania, os pesquisadores efetuaram 2.200 comparações entre florestas primárias e secundárias. O objetivo desta análise global, que possivelmente é a mais ampla sobre o assunto, foi medir os efeitos variados de uso da terra e da degradação florestal sobre a biodiversidade em florestas tropicais.

Foram analisados 12 tipos de interferências humanas que afetam de modo diferente os ambientes florestais. A prática mais agressiva é o uso do fogo, muitas vezes para abrir espaço para a agricultura, enquanto a que oferece menos risco para a biodiversidade é o corte seletivo.

A retirada de apenas 3% das árvores de uma floresta já afeta a variedade de espécies do local. A monocultura de árvores de crescimento rápido, como o eucalipto, outra perturbação causada pelo ser humano ao ambiente, também é um problema para a biodiversidade, principalmente em locais como a Ásia e o Brasil.

Conforme demonstraram os pesquisadores liderados por Luke Gibson, da Universidade Nacional de Cingapura, a biodiversidade das florestas tropicais é muito afetada pela degradação da natureza. E, ao contrário do que se imaginava até agora, as florestas secundárias, como é chamada a vegetação que nasce após corte de árvores ou o desmatamento, não são substitutas à altura das florestas primárias.

Ou seja, as florestas degradadas e secundárias não oferecem a mesma biodiversidade ao ambiente. “Nós mostramos que as florestas secundárias são invariavelmente pobres quando comparadas às florestas primárias não degradadas. Por isso, devemos fazer o que for possível para proteger as florestas primárias remanescentes”, disse Gibson.

A dimensão da perda de biodiversidade depende de fatores como região geográfica, grupos taxonômicos e tipo de intervenção humana. De acordo com o trabalho, as florestas tropicais da Ásia são mais sensíveis às transformações impostas pelo homem do as matas das Américas. Os diferentes grupos de animais, igualmente, respondem de forma distinta: os mamíferos, de modo geral, são mais resistentes às mudanças, ao passo que as aves são sensíveis.

Segundo Carlos Peres, professor da Escola de Ciências Ambientais da Universidade de East Anglia, um dos autores do artigo, os dados indicam que o tempo para a recuperação da biodiversidade varia bastante conforme o histórico de perturbação e a paisagem onde as manchas de mata primária estão inseridas, mas em alguns casos a diversidade de espécies pode demorar séculos para ser restabelecida.

Regiões degradadas podem se recuperar sozinhas, mas reflorestar usando espécies nativas ou de outros ambientes é um trabalho lento, que pode durar séculos. “Áreas de mata atlântica secundárias com cerca de 400 anos no Paraná ainda não têm o perfil de espécies de plantas de regiões primárias”, alerta Peres.

Outro exemplo clásico é a região do Petén, no norte da Guatemala (foto). Quando os espanhóis chegaram, o local era tomado por milharais do Império Maia. Hoje, mais de 500 anos depois, uma floresta vigorosa tomou o lugar, mas em termos de biodiversidade não chega nem perto do que poderia ser uma floresta primária da América Central, que estava lá há milhares de anos, antes da chegada da agricultura dos Maias.

Mas, o norte-americano Thomas Lovejoy, pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), no Brasil, e do Centro H. John Heinz III para Ciência, Economia e Meio Ambiente, nos Estados UnidosFlorestas primárias são insubstituíveis para a manutenção da biodiversidade tropical

Recuperar a variedade de plantas e animais de uma floresta é muito mais difícil do que se imaginava. Isso se, de fato, for realmente possível. Há décadas pesquisadores de vários países tentam descobrir o que seria mais eficiente para manter a biodiversidade: focar as iniciativas na preservação das florestas primárias, com o mínimo possível de alterações pelas atividades humanas, ou recuperar áreas que já sofreram alguma modificação pelo homem, entre elas as florestas secundárias.

Para quem não é especialista, a resposta mais óbvia seria: nada substitui as florestas primárias em termos de biodiversidade. Mas, os pesquisadores tinham dúvidas, pois estudos sugeriam que as florestas secundárias poderiam conter uma variedade de espécies tão relevante quanto às originais.

Agora, uma nova pesquisa denominada "Primary forests are irreplaceable for sustaining tropical biodiversity" publicada no dia 14 de setembro no site da revista *Nature*, reforçou a tese de que as áreas de floresta primária são mais ricas em biodiversidade. Tendo por base 138 pesquisas realizadas em 28 países da América, Ásia, África e Oceania, os pesquisadores efetuaram 2.200 comparações entre florestas primárias e secundárias.

O objetivo desta análise global, que possivelmente é a mais ampla sobre o assunto, foi medir os efeitos variados de uso da terra e da degradação florestal sobre a biodiversidade em florestas tropicais.

Foram analisados 12 tipos de interferências humanas que afetam de modo diferente os ambientes florestais. A prática mais agressiva é o uso do fogo, muitas vezes para abrir espaço para a agricultura, enquanto a que oferece menos risco para a biodiversidade é o corte seletivo.

A retirada de apenas 3% das árvores de uma floresta já afeta a variedade de espécies do local. A monocultura de árvores de crescimento rápido, como o eucalipto, outra perturbação causada pelo ser humano ao ambiente, também é um problema para a biodiversidade, principalmente em locais como a Ásia e o Brasil.

Conforme demonstraram os pesquisadores liderados por Luke Gibson, da Universidade Nacional de Cingapura, a biodiversidade das florestas tropicais é muito afetada pela degradação da natureza. E, ao contrário do que se imaginava até agora, as florestas secundárias, como é chamada a vegetação que nasce após corte de árvores ou o desmatamento, não são substitutas à altura das florestas primárias.

Ou seja, as florestas degradadas e secundárias não oferecem a mesma biodiversidade ao ambiente. "Nós mostramos que as florestas secundárias são invariavelmente pobres quando comparadas às florestas primárias não degradadas. Por isso, devemos fazer o que for possível para proteger as florestas primárias remanescentes", disse Gibson.

A dimensão da perda de biodiversidade depende de fatores como região geográfica, grupos taxonômicos e tipo de intervenção humana. De acordo com o trabalho, as florestas tropicais da Ásia são mais sensíveis às transformações impostas pelo homem do as matas das Américas. Os diferentes grupos de animais, igualmente, respondem de forma distinta: os mamíferos, de modo geral, são mais resistentes às mudanças, ao passo que as aves são sensíveis.

Segundo Carlos Peres, professor da Escola de Ciências Ambientais da Universidade de East Anglia, um dos autores do artigo, os dados indicam que o tempo para a recuperação da biodiversidade varia bastante conforme o histórico de perturbação e a paisagem onde as manchas de mata primária estão inseridas, mas em alguns casos a diversidade de espécies pode demorar séculos para ser restabelecida.

Regiões degradadas podem se recuperar sozinhas, mas reflorestar usando espécies nativas ou de outros ambientes é um trabalho lento, que pode durar séculos. "Áreas de mata atlântica secundárias com cerca de 400 anos no Paraná ainda não têm o perfil de espécies de plantas de regiões primárias", alerta Peres. Outro exemplo clássico é a região do Petén, no norte da Guatemala.

Quando os espanhóis chegaram, o local era tomado por milharais do Império Maia. Hoje, mais de 500 anos depois, uma floresta vigorosa tomou o lugar, mas em termos de biodiversidade não chega nem perto do que poderia ser uma floresta primária da América Central, que estava lá há milhares de anos, antes da chegada da agricultura dos Maias.

Mas, o norte-americano Thomas Lovejoy, pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), no Brasil, e do Centro H. John Heinz III para Ciência, Economia e Meio Ambiente, nos Estados Unidos, também coautor do estudo, não retira a importância do reflorestamento. "Reflorestar garante a sobrevivência de muitas espécies e a manutenção de

serviços de ecossistemas como foi feito com a Floresta da Tijuca, área degradada de mata atlântica no Rio de Janeiro que foi replantada", afirma.

O estudo da *Nature* reflete uma escassez de informações sobre a maior parte da biodiversidade tropical. "Praticamente não há pesquisas sobre florestas de vários países africanos e asiáticos", diz Peres. De acordo com o estudo, também faltam trabalhos sobre grupos de plantas, invertebrados e vertebrados em mosaicos de floresta primária e áreas adjacentes de floresta degradada.

Também coautor do estudo, não retira a importância do reflorestamento. "Reflorestar garante a sobrevivência de muitas espécies e a manutenção de serviços de ecossistemas como foi feito com a Floresta da Tijuca, área degradada de mata atlântica no Rio de Janeiro que foi replantada", afirma.

O estudo da Nature reflete uma escassez de informações sobre a maior parte da biodiversidade tropical. "Praticamente não há pesquisas sobre florestas de vários países africanos e asiáticos", diz Peres. De acordo com o estudo, também faltam trabalhos sobre grupos de plantas, invertebrados e vertebrados em mosaicos de floresta primária e áreas adjacentes de floresta degradada.

Fonte: Boletim Eletrônico MATER NATURA - nº 98 - Outubro 2011

---

13 - 1ª REUNIÃO da "CT Abelhas Nativas - SEAB/CEDRAF"

C O N V I T E

Prezados (as) Integrantes da CÂMARA TÉCNICA DE MELIPONICULTURA SEAB/CEDRAF ("CT Abelhas Nativas SEAB/CEDRAF",

Convidamos a todos para participarem da 1ª REUNIÃO da "CT Abelhas Nativas - SEAB/CEDRAF":

Data: dia 27/10 (quinta-feira); Hora: das 14:30 às 17 horas (150 minutos); Local: Auditório da SEAB (rua dos Funcionários, 1559 - Cabral - Curitiba - PR); Pauta:

a) - apresentação e posse dos integrantes para o triênio 2011-13; b) discussão e aprovação do Regimento Interno (RI); c) - Definição do Gerente e Secretário Executivo;

d) - Informes sobre o 5° Seminário Paranaense de Meliponicultura (25/11/2011); e) - Resgate de diretrizes para um Plano de Ação da CT abelhas Nativas SEAB/CEDRAF 2011/2013; f) - Informes e assuntos gerais.

"Trabalhar e realizar juntos, como as abelhas" !

P.S: Pede-se confirmar presença e/ou informar ausência ! Segue listagem dos integrantes da CT Abelhas Nativas SEAB/Cedraf, para conferência e ajustes !

Roberto A Silva - seab/deral - 41-3313.4132 - www.seab.pr.gov.br - andrades@seab.pr.gov.br

---

SEAB
DERAL - DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL
Editor Responsável: Roberto de Andrade Silva - fone: 41 - 3313.4132 - fax: 41 - 3313.4031 - www.seab.pr.gov.br - andrades@seab.pr.gov.br